

ENVELHECIMENTO E VELHICE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Mariê Elizeth Braz de Oliveira¹

Lorena de Santana Ruiz¹

Claudia Lopes Perpétuo²

RESUMO: O presente artigo se refere a uma pesquisa de revisão bibliográfica, cujo aporte teórico foi a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), tendo como objetivo compreender os possíveis impactos gerados pela vulnerabilidade social no processo de envelhecimento e no período da velhice. Em princípio, viu-se a necessidade de explorar a diferença entre o envelhecimento e a velhice, investigando o contexto histórico e como a sociedade constitui esses quesitos, como o conceito de vulnerabilidade está intimamente ligado com as desigualdades sociais, se estruturando na sociedade, como essa parcela da população é vista e, como impactam e atravessam os processos biopsicossociais vivenciados pelas pessoas idosas. Concluindo-se que a sociedade, apesar de menosprezar e colocar a população idosa à margem, precisa deles e de suas contribuições para a cultura, e que, a sociedade que experienciamos hoje, é fruto das vivências dos que hoje se encontram na velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Histórico-Cultural; envelhecimento; velhice; vulnerabilidade social.

AGEING AND OLD AGE IN A VULNERABLE SITUATION

ABSTRACT: This article refers to a bibliographic review, whose theoretical contribution as Historical-Cultural Psychology (HCP), with the primary objective of understanding what possible impacts the ageing process and the Statesmen of old age can suffer through social vulnerability. It set out to explore the difference between ageing and old age, investigating the historical context and how society influences these aspects; how the concept of vulnerability isto closely linked to social inequalities, how they are structured in society and how they view this part of population, and how they impact and cross the biopsychosocial process experienced by older people. The conclusion is that society, despite underestimating and putting the elderly on the margins, needs them and their contribution to the culture and that the society we experience today is the result of the experiences of those who are now old.

KEYWORDS: Historical-Cultural Psychology, ageing; old age; older people; social vulnerability.

¹ Discentes do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense. Email: marie.braz@edu.unipar.br; lorena.ruiz@edu.unipar.br.

² Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense. Mestre em Psicologia Social. E-mail: clauperpetuo@prof.unipar.br.

ENVEJECIMIENTO Y VEJEZ EN SITUACIONES DE VULNERABILIDAD

RESUMEN: El presente artículo se refiere a una investigación de revisión bibliográfica, cuyo aporte teórico fue la Psicología Histórico-Cultural (PCH), con el objetivo primordial de comprender qué posibles impactos puede sufrir el proceso de envejecimiento y la etapa de vejez a través de la vulnerabilidad social. Se propone explorar la diferencia entre envejecimiento y vejez, investigando el contexto histórico y cómo la sociedad influye en estas temáticas; cómo el concepto de vulnerabilidad está íntimamente ligado a las desigualdades sociales, cómo se estructuran en la sociedad y cómo ven a esta parte de la población, y cómo impactan y atraviesan los procesos biopsicosociales que viven las personas de mayor edad. La conclusión es que la sociedad, a pesar de menospreciar y marginar a los de mayor edad, necesita de ellos y de sus contribuciones a la cultura, y que la sociedad que vivimos hoy es el resultado de las experiencias de los que ahora son de mayor edad.

PALABRAS CLAVE: Psicología Histórico-Cultural; envejecimiento; vejez; personas de mayor edad; vulnerabilidad social.

1. INTRODUÇÃO

Desde o primeiro minuto que um ser humano chega ao mundo, ele já começou o seu processo de envelhecimento, porém, causa certa estranheza pensar em um recém-nascido e associá-lo com o termo “envelhecimento”, que muitas vezes é relacionado com: morte, invalidez, inutilidade e outras palavras de cunho negativo, e como significados tão pessimistas podem se comparar com uma nova vida que acabou de se apresentar ao mundo que conhecemos? Contudo, é preciso refletir sobre o significado desse termo e, assim, atribuir novas concepções.

O processo de envelhecimento começa com o nascimento, diferentes autores, conforme iremos ver ao longo do trabalho, defendem que esse processo começa com a concepção e que as vivências são dinâmicas e complexas, e são várias as formas para se envelhecer, em que o processo de uma pessoa nem sempre será igual ou semelhante ao de outra. Segundo a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), existem diversos fatores que atravessam o processo de envelhecer: o contexto social, os aspectos biológicos, físicos, históricos e culturais, o contexto econômico, ou seja, não é um processo construído apenas pelo sujeito que o vivencia, ele é mediado, é atravessado pela sociedade e como ela está constituída. Ademais, dado que a população idosa irá aumentar em um futuro próximo, torna-se necessário, neste trabalho, discutir sobre a velhice e o envelhecimento, e os impactos destas em pessoas em situação de vulnerabilidade social, diferenciar velhice e envelhecimento, conceituar vulnerabilidade e, compreender a vulnerabilidade no processo de envelhecimento e no período da velhice.

O ser humano chega a um momento da vida chamado velhice, que pode ser confundido com o processo de envelhecer, mas que se distingue por ser um estágio da vida que o sujeito atravessa, assim como a infância, a adolescência e a adultez, e se assemelha, pois também é atravessado pelo contexto histórico, econômico e cultural. Apesar de existir uma estimativa etária de quando começaria o momento da velhice, esta não é igual para todos, havendo pessoas que apresentam sinais já na fase adulta e outros que apresentam mais tarde do que o estipulado. Nesse momento, o sujeito pode experimentar a fragilidade física e psíquica, que pode levá-lo a refletir sobre o novo lugar que ocupa na sociedade, que o conduz a novos processos de subjetivação.

Com o advento da industrialização e da tecnologia, e as mudanças nas formas de trabalho, a população idosa tornou-se uma força inútil aos olhos da sociedade, já que não apresentam força física para participar do trabalho laboral, deixando-os à margem da sociedade, que por conta do regime capitalista instituído, não percebe nessa parcela da população um rendimento esperado para atuar no mercado de trabalho, colocando-os em um panorama de desigualdade e vulnerabilidade social, que resulta no declínio da saúde mental, do bem-estar e da qualidade de vida.

Ao pensar e analisar a vulnerabilidade nesse estágio da vida, é necessário pensar o ser humano como um sujeito biopsicossocial, percebendo como as diversas instâncias, condições econômicas, contexto social e cultural, território em que habita, atravessam e perpassam as experiências da pessoa idosa e impactam sua saúde.

Compreender o processo de envelhecimento e a velhice a partir da situação de vulnerabilidade social, é perceber como pode ser diferente para cada sujeito, visto que, pessoas idosas que não estão em situação de vulnerabilidade social, que não tem seus direitos violados e que são atravessados por outros contextos, experienciam outros processos. Pessoas idosas que vivenciam essas vulnerabilidades estão mais expostas ao adoecimento, tanto do corpo físico quanto do psíquico. Reconhecendo que a Psicologia deve estar comprometida com a qualidade de vida e com o cuidado da vida é fundamental que possibilite a potencialização de um envelhecimento saudável, a partir da implementação de políticas públicas que possibilitem esse envelhecer.

1.1 Envelhecimento e Velhice

Os termos “velhice” e “envelhecimento” são analisados e considerados, ultimamente, com uma abordagem única e generalista, porém, é necessário compreender as diferenciações desses conceitos e as modificações ao longo do tempo, assim, Dardengo e Mafra (2019) evidenciam que:

A velhice é apenas um momento específico dentro do processo de envelhecimento, sendo caracterizado pela redução do funcionamento de diversas funções orgânicas. O envelhecimento é considerado como sendo um processo no qual estão envolvidas as imagens da vida percebidas desde o nascimento (DARDENGO; MAFRA, 2019, p. 16).

O conceito de velhice é atribuído a partir das relações e pode ser entendido por meio dos vínculos que se estabelecem entre aspectos, segundo Schneider e Irigaray (2008), eles podem se dar nos fatores cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, ou seja, as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido, sendo elas, históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais. Há diferentes representações sociais da velhice, decorrendo de aspectos envolvidos no processo de envelhecimento, que não podem se limitar somente à ideia biológica referente ao declínio do organismo, pois “tentar definir velhice usando apenas a visão biológica é cair num erro de demarcação meramente cronológica, tratando-se a população idosa de forma homogênea, não levando em consideração aspectos importantes do contexto sociocultural em que os idosos estão inseridos”. (JARDIM; MEDEIROS; BRITO, 2006, p. 27).

Nesse contexto, adentra a definição de envelhecimento, que deve ser compreendida como o processo que transporta o ser humano desde o nascimento até a velhice. Para Dardengo e Mafra (2019) ele é constituído como o efeito de estruturação sócio histórica vivenciada durante toda a vida de um indivíduo e, dessa forma, inclui a análise de muitos aspectos que atravessam a história, a cultura, os valores, a economia e tudo aquilo que faz parte do contexto de vida.

Gomes (2022) evidencia que o envelhecimento é um processo contínuo, ou seja, não se manifesta em um determinado período da vida, mas, sucede desde o momento da concepção e, desse modo, “entende-se que é uma dimensão da vida que perpassa o campo biológico, social, psicológico, indo até o cultural” (GOMES, 2022, p. 15)

Ainda apontado por Gomes (2022), o envelhecimento é reconhecido como um processo biopsicossocial, pois envolve as modificações corporais e determinantes de saúde, mas, também às questões referentes à capacidade psíquica. Além disso, quando é integrado pela perspectiva social, nota-se o papel que esse sujeito exerce dentro do sistema e as concepções dele sobre o seu contexto.

Assim sendo, o envelhecimento é descrito por Dardengo e Mafra (2019) como:

Um fator biológico, natural da vida, constituindo um processo complexo e dinâmico que ocorre das mais variadas formas a partir do modo de vida dos indivíduos, com mudanças morfológicas e funcionais que variam de indivíduo para indivíduo e, principalmente, a visão individual e social sobre o processo de envelhecer (DARDENGO; MAFRA, 2019, p. 14).

De acordo com Silva, Lima e Souza (2021), a velhice se difere do processo de envelhecimento, na medida em que, se trata de um período do desenvolvimento humano que é marcado por fatores históricos, culturais e econômicos, além de ser reconhecida pelas mudanças corporais ocasionadas pela passagem do tempo e, dessa forma, a concepção que se tem de velhice, em cada época, retrata por processos de subjetivação de cada sujeito e os aspectos sociais.

Para entender o processo e todos os atravessamentos socioculturais que transpassam a velhice, é necessário perceber os passos que esse conceito percorreu durante a história, pois Rinco,

Lopes, Domingues (2012, p. 80) afirmam que, o envelhecimento “é um processo contínuo que se dá desde a concepção até a morte, compondo o desenvolvimento humano” e, dessa forma, deve ser analisado em todos os aspectos, pois possui características próprias que devem ser validadas. Outrossim, Alves, Trindade e Rocha (2021) enfatizam que apesar da demarcação de início do envelhecimento ser entre 60 e 65 anos, esse processo não acontece em uma idade específica, mas se configura como um desenvolvimento gradual de mudanças que têm seu princípio já na idade adulta.

Compreender a velhice e o processo de envelhecimento durante a história, é entender que se está lidando com um período da vida repleto de preconceitos e que, segundo Reis e Facci (2016), está presente na vida de todos, pois demonstra-se em diferentes lugares e épocas, nos variados cenários, sociedades e culturas, porém, é trazido por Schneider e Irigaray (2008) que começou a ser caracterizada, a partir da segunda metade do século XIX, como fase composta pela insuficiência de papéis sociais e declínio do desenvolvimento físico e assim, esse processo etário “dar-se-ia como um processo contínuo de perdas e de dependência, que daria uma identidade de falta de condições aos idosos e seria responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice.” (DEBERT³, 1999 *apud* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 286).

Segundo Whitaker (2010), até os anos 60 percebe-se o Brasil como um país agrário, onde grande parte da população se concentrava no campo e nesse cenário, pode-se entender a figura do idoso como aquele responsável pelo lote, fazendeiro que abrigava a família. A urbanização e a industrialização, assim como, a separação do local de trabalho com o local de moradia, acabou com o poder ligado à pequena empresa e contribuiu para a mudança em muitos paradigmas, entre eles, a ideia de quem era a pessoa idosa, do que ela era responsável e, principalmente, a concepção de envelhecimento.

Como é notável, há alguns séculos, busca-se conceituar e compreender o que é a velhice e o envelhecimento e, ao longo da história, essa definição foi passando por diversos significados, “a velhice e o processo de envelhecimento nas culturas primitivas demonstram que existiam várias formas de se pensar e viver a velhice, não havendo formas pré-definidas, mas um conjunto de situações particulares, considerando-se as especificidades de cada cultura” (DARDENGO; MAFRA, 2019, p. 8).

Pensando na história, os indicadores referentes à pessoa idosa não eram vistos com cuidado há anos atrás, com isso, Camarano (2002), explica que, a partir do momento da queda da pirâmide demográfica, com alteração nas taxas de mortalidade e de natalidade, a ideia de longevidade foi tendo mais foco e o olhar para o envelhecimento foi surgindo. Nesse sentido, é necessário “lembrar que esse envelhecimento da população ocorre num quadro de mudanças sociais aceleradas, cujas

³ DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp. 1999.

circunstâncias transformam, muitas vezes, a vida do idoso em sofrimento e privação” (WHITAKER, 2010, p. 181).

Desse modo, Dardengo e Mafra (2019) esclarecem que as décadas de 60 e 70 foram períodos marcantes para a obtenção da visibilidade social do que é a velhice, temática que existe desde os primórdios, mas, ganhou um destaque maior na medida que a população idosa passou a ser analisada, estudada e constituída pelas condições de cada época.

Como evidenciado por Castro e Barros (2002⁴ *apud* Reis e Facci 2016, p. 296) “a partir do século XIX, a vida dos idosos sofreu alterações em virtude da Revolução Industrial, pelo êxodo rural e pelas descobertas científicas. Com o advento de práticas de higiene e saúde pública, houve um aumento da expectativa de vida”.

Porém, apesar de ter sido um período de muitos benefícios e avanços tecnológicos, trazendo melhoria para a vida de muitas pessoas, também foi um período de dificuldade para as pessoas idosas, que não podendo deixar o trabalho de lado, se resumiam a uma vida de miséria. Reis e Facci (2016) apresentam como a propagação de um modo de produção e a condição do modo de viver ao longo da história se fizeram presentes como uma concepção de vida e, somente no século XX, é que se inicia um maior cuidado e atenção para esse momento da velhice e o processo de envelhecimento.

Para tanto, Barbosa, Oliveira e Fernandes (2019) ao estudarem o envelhecimento e a pessoa idosa, trazem a forma como esse processo acarreta em um crescimento no risco de vulnerabilidade, pois é permeado por mudanças individuais e coletivas que influenciam o modo de vida e a saúde dos sujeitos, desse modo, o envelhecimento “pode ser hoje considerado uma importante questão de saúde pública e assistencial, especialmente por ser um processo influenciado por diversos fatores intrínsecos e extrínsecos à pessoa” (RINCO; LOPES; DOMINGUES, 2012, p. 13).

Fernandes e Soares (2012) indicam que é indispensável que o olhar para essa pessoa tenha seu foco na totalidade do ser e não somente na doença ou a prevenção à degeneração dessas, dado que, o foco deve estar no bem-estar, na relação entre saúde física e mental, pois o envelhecimento é um processo que se relaciona com toda a sociedade e a população idosa deve ser o agente principal, atuante em suas políticas. Os autores complementam que a família, a sociedade e o Estado são responsáveis por garantir essa participação, e o direito em políticas que tenham “por objetivo permitir um envelhecimento saudável, o que significa preservar a sua capacidade funcional, sua autonomia e manter o nível de qualidade de vida” (FERNANDES; SOARES, 2012, p. 1.499).

Nessa acepção, o envelhecimento e a velhice constituem um declínio biológico que se relaciona e interage com os processos socioculturais, portanto, “aspectos individuais, coletivos,

⁴ CASTRO, D. M.; BARROS, R. D. B. Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p. 113-124, 2002.

contextuais e históricos das experiências de desenvolvimento e de envelhecimento, geram possibilidades de adoecimento e dificuldades de acesso aos recursos de proteção disponíveis na sociedade” (RODRIGUES; NERI, 2012, p. 2130).

1.2 Envelhecer em Situação de Vulnerabilidade

Essa trajetória física e social, muitas vezes, pode ser marcada e ampliada pela desigualdade social relacionada com os fatores estruturais de uma sociedade, na qual a vulnerabilidade social se encontra presente, pois, assim como Jesus *et al.* (2017) explica, apesar da vulnerabilidade social ser uma condição importante em qualquer etapa da vida, na velhice ela se apresenta com evidências que relacionam as condições sociais com a idade, fato que é trazido por Rodrigues e Neri (2012⁵) *apud* Rinco, Lopes e Domingues (2012), quando eles

Relatam que a vulnerabilidade pode ser definida como o estado de indivíduos ou grupos que, por alguma razão, têm sua capacidade de autodeterminação reduzida, podendo apresentar dificuldades para proteger seus próprios interesses devido a déficits de poder, inteligência, educação, recursos, força ou outros atributos (RODRIGUES; NERI, 2012 *apud* RINCO; LOPES; DOMINGUES, 2012, p. 6)

Ayres *et al.* (2006) vem ao encontro desta ideia, afirmando a vulnerabilidade em três categorias, sendo elas: a individual, a social e a pragmática. A vulnerabilidade individual diz respeito aos fatores sociais, porém, focam na compreensão dos aspectos biológicos e cognitivos que interferem e são influenciados por esse social. A vulnerabilidade social remete “à aspectos materiais, culturais, políticos e morais que dizem respeito à vida em sociedade” (AYRES *et al.*, 2006, p. 5). E por fim, a vulnerabilidade programática tem relação com as instituições responsáveis pelo indivíduo nessa situação e, quais as posturas adotadas para compreender e superar obstáculos que se apresentam nas diferentes instituições sociais como as de saúde, de educação, de segurança, de assistência social e de cultura, e o modo como relacionam-se com a forma que são compreendidas as condições de vulnerabilidade.

Nesse sentido, o envelhecimento, por ser um processo biopsicossocial, possui características próprias e, ao compreender a vulnerabilidade como um agente que toma formas diferentes, deve “ser compreendida como multidimensional, afetando de diferentes formas e intensidade indivíduos, grupos e comunidades em planos distintos de seu bem-estar” (RINCO; LOPES; DOMINGUES, 2012, p. 85).

⁵ RODRIGUES, N. O.; NERI, A. L. Vulnerabilidade social, individual e pragmática em idosos da comunidade dados do estudo Fibrá. **Ciência & Saúde Coletiva**, Campinas, v. 17, n. 8, p. 2129-2139, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n8/23.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

Barbosa, Oliveira e Fernandes (2019) demonstram como o fator da vulnerabilidade favorece a decadência da qualidade de vida e autonomia da pessoa idosa, visto que, o grau de vulnerabilidade se estabelece pelos constituintes dos fatores físicos e, principalmente sociais, pois “fatores sociais como morar em contextos de maior vulnerabilidade, possuir baixo nível de escolaridade, status socioeconômico e limitado acesso aos serviços públicos podem também contribuir com o aumento da vulnerabilidade” (JESUS *et al.*, 2017, p. 615).

Com a ampliação dessa vulnerabilidade, a falta de autonomia se torna presente e desse modo, Santos (2015) explica que essa autonomia se refere tanto às condições de saúde, mas também às condições sociais, além disso, aborda como a concepção da pessoa idosa como agente da sociedade se altera e aquele que contribuía para a movimentação do mercado e da sociedade, não é mais vista socialmente enquanto possibilidade de produção, produzindo uma segregação da pessoa idosa.

Ampliando as discussões sobre vulnerabilidade social, Santos (2015) também esclarece que a sociedade precisa de seus velhos/as para viver bem, viver melhor, as famílias contam com seu apoio financeiro e social, dividem e compartilham moradias, ou seja, em lugar de discriminá-los, de considerá-los decadentes, inúteis, deveriam reconhecer seu protagonismo, respeitar seus direitos e não vê-los como “alvos” de políticas públicas, mas sim como “sujeitos” delas. A riqueza cultural do país deve ser medida pela força e pela sabedoria desta parcela da sociedade, assim como sua experiência imensurável e desse modo, o Estado deve promover uma atenção voltada à essa parcela da população que tanto auxiliou no desenvolvimento do país. Assim, é importante notar como,

O comportamento social é influenciado por aspectos pessoais (saúde, gênero, renda, escolaridade), contextuais (suporte social, barreiras físicas e oportunidades), assim como por eventos comuns da velhice que caracterizam momentos socialmente transitórios, por exemplo, aposentadoria e viuvez. (PINTO; NERI, 2017, p. 262)

É necessário compreender a vulnerabilidade nesse período, tal como Salmazo-Silva *et al.* (2012, p. 110) denotam, é plausível que na velhice, note-se o acervo de fatores sócio históricos e culturais, pensar em vulnerabilidade no contexto da velhice “é refletir sobre a interação entre saúde, condições sociais, econômicas, individuais, e ambientais, incluindo os programas para esse segmento populacional”. À vista disso, a vulnerabilidade na velhice, se configura por diversas condições, visto que, ela “consiste em um constructo multidimensional, onde condições comportamentais, socioculturais, econômicas e políticas interagem com os processos biológicos ao longo da vida” (BARBOSA; OLIVEIRA; FERNANDES, 2019, p. 356).

Ferreira, Frota e Santos (2021) relatam que, com o passar do tempo, o processo de envelhecimento torna o organismo passível de agressões internas e externas, posto isso, o fator de

vulnerabilidade, influencia, significativamente, nesse processo de envelhecimento e no período da velhice, assim como, em todas as variáveis que atravessam esse sujeito. Por consequência disso, analisar esse conceito e seu significado, é substancial para entender a concepção ampla e multidimensional, visto que, “a análise das vulnerabilidades que aumentam as chances de exposição das pessoas idosas ao adoecimento, incapacidades e outras fragilidades é complexa e exige a consideração de um conjunto de variáveis correlatas” (RABELO; SILVA, 2021, p.12)

Reis (2011) descreve que as características da pessoa idosa são compostas em uma sociedade que tem sua conjuntura cultural e econômica já definida. Nesse cenário, a vulnerabilidade, para Costa *et al.* (2019), é o efeito social da desigualdade, da negligência e do abandono público, nesse contexto determinado. Ela é o produto daquilo que está exposto por meio de um sistema político-econômico baseado na exploração e que apresenta riscos e insuficiências no que tange a população, principalmente sua parcela mais vulnerável. Ainda, é ressaltado esse aspecto na perspectiva da velhice, pois:

As velhices das populações se consolidam como fenômeno na realidade social de alguns países do mundo, pois se sabe que, na sociedade capitalista, e, principalmente de capitalismo periférico e dependente, como o Brasil, o processo de envelhecimento padece por precariedades (COSTA *et al.*, 2019, p. 401)

Nesse sentido, a pobreza expressa nas suas diversas formas, é um fator que coloca muitas pessoas idosas em situação de sofrimento psíquico, que pode, muitas vezes, potencializar doenças crônicas e agravar os casos clínicos, como manifesta Neri e Vieira (2013), além disso, eles proferem que, no Brasil, o desenvolvimento de doenças se refere principalmente à problemas representados em situações de dificuldade de moradia, segurança e transporte, que provocam contextos de adversidades, anseios e aflições, que ampliam os riscos e as vulnerabilidades.

Para maior compreensão, Soares (2011) adverte que as condições em que a população idosa se encontra e os fatores relacionados à cultura, à sociedade, à economia e todas as questões referentes à desigualdade, colocam essas pessoas em situação de risco e exposição, acarretando problemas com relação ao bem-estar. Desse modo, apresenta como

A qualidade de vida dos idosos está potencialmente sob risco, não apenas porque existem alterações fisiológicas com o passar da vida, mas pelo fato da maior condição de vulnerabilidade decorrente de baixa escolaridade e condições adversas do meio físico, social ou de questões afetivas (SOARES, 2011, p. 14).

Percebe-se, nesse viés, que as alterações físicas resultam na diminuição da atividade laboral e da produtividade, que antes eram muito presentes e estavam fixadoras em um grau laborativo de suma importância e, assim, resulta na instituição de preconceitos e empecilhos direcionados à essa

população e, portanto, “a imagem que emerge do senso comum, assentada pelo binômio velhice-doença, acaba por reforçar o imaginário social negativo do segmento dos velhos trabalhadores, entendendo-os como obsoletos e sem ‘valor de uso’” (COSTA *et al.*, 2019, p. 404). Consequentemente, Martins (2013) faz uma reflexão sobre o sistema capitalista e o idoso, se referindo à forma de produção e a valorização do útil, lucrativo e favorável, excluindo e desprezando tudo aquilo que é velho, incluindo as pessoas.

Em função disso, Costa *et al.* (2019, p. 403) continuam a definir que “ser velho e pobre implica, na maioria das vezes, estar exposto cotidianamente a um conjunto de violações de direitos sociais”, e as questões que já se mostravam difíceis ao longo da vida, se acentuam ainda mais nesse período, pois “os velhos pobres são os que mais têm dificuldades de acesso a serviços de saúde, sofrem mais com problemas de desnutrição e são deixados ao desamparo e abandono em asilos, nas ruas ou mesmo em suas casas” (COSTA *et al.*, 2019, p. 406).

Destacando esse fato, Martins (2013, p. 219) concebe “o envelhecimento como um processo de desenvolvimento contínuo e singular de cada sujeito humano”, todavia, Santos (2015) evidencia que, apesar de o envelhecer se configurar de um modo para cada pessoa, é evidente como viver em determinado ambiente, participar de um grupo definido, pertencer a um gênero e classe, possuir escolaridade e meios básicos de sobrevivência, se apresentam com um grau de diferença, quando se trata de envelhecimento e velhice.

Entender a vulnerabilidade como fator que está presente na velhice e envelhecimento, é contemplado pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2005), como uma forma de reconhecer que a idade avançada intensifica algumas desigualdades que já existem, como aquelas relacionadas à gênero e raça, já que, a vulnerabilidade em pessoas idosas é consequência das injustiças na estrutura social do país. A posição onde esse sujeito se encontra na velhice, tem relação direta às particularidades e distinções que foram experienciadas desde muito cedo, como, a privação ao acesso à saúde, educação, geração de renda e questões que deveriam proporcionar um bem-estar.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo deste trabalho, perceber como a idade influencia e intensifica a desigualdade social que as pessoas idosas já vivenciam, tendo como exemplo disso, o preconceito por raça e gênero. A posição que o sujeito ocupa na sociedade também tem relação com a desigualdade ao acesso e a eficácia dos serviços públicos de saúde, geração de renda e assistência social, entre outros que ele necessita.

A desigualdade social é um dos fatores que amplifica a vulnerabilidade social, quando existe a associação com as estruturas da sociedade, como o preconceito etário, que é a

discriminação baseada na idade, seja por acreditar que é uma população inútil e sem capacidade ou por não prestar um atendimento eficaz e de qualidade. Por ser uma parcela da população que pode experimentar a decadência física e psíquica, eles podem apresentar dificuldades para defender suas necessidades e seus direitos garantidos pela Constituição brasileira, precisando muitas vezes que outras pessoas defendam seus interesses.

A qualidade de vida é prejudicada quando o sujeito está exposto constantemente a essas vulnerabilidades, visto que essa população é, em sua maioria, privada do acesso constante e eficaz dos serviços públicos que deveriam facilitar e promover todos os aspectos da saúde, tanto física quanto mental. Outro fator que é afetado pela exposição à vulnerabilidade é a falta de autonomia da pessoa idosa, no quesito físico ela se torna dependente de outros para concluir tarefas básicas, como ir ao banheiro e realizar suas refeições, quanto às condições de saúde, ela não decide mais por si, tendo outros membros da família, a equipe médica e a equipe multiprofissional que atuam nesses espaços tomando as decisões que lhes parecem mais assertivas, não se preocupando com a opinião do sujeito e com o que ele prefere e, por fim, no quesito social, onde a sociedade fundada pelos conceitos capitalistas, excluem e marginalizam as pessoas idosas considerando-as inúteis e que não produzem ativamente, sendo assim, não seriam a prioridade dos serviços públicos.

O processo de envelhecimento, que começa desde a concepção, é atravessado por todas as desigualdades citadas, com a possibilidade de deteriorar o bem-estar e a saúde mental do sujeito, existem diferentes processos para cada um, ao mesmo tempo que existem diferentes concepções específicas de como aconteceria o processo de envelhecimento para cada cultura. Mesmo ao atingir o período da velhice, o processo de envelhecimento não é interrompido, é um processo contínuo e dinâmico, está em constante evolução e mudança, a concepção que o sujeito tem do envelhecimento influencia no papel que ele assumirá frente a essa questão e como ele irá se portar frente a sociedade.

No entanto, por ser um processo biopsicossocial, ele não depende apenas do sujeito, os aspectos biológicos, como doenças e condições genéticas, influenciam na forma como a pessoa idosa se comporta frente a esse processo, juntamente com os aspectos sociais, que indicam como a sociedade, a cultura, as relações políticas e as instituições que detêm o poder desses indivíduos, se estruturam e influem sobre as vivências e as formas dessa população se inserir nesse contexto, uma vez que, ele é induzido por fatores como: condições de moradia, escolaridade, acesso e qualidade dos serviços públicos, como a vivem e estão constituídos e, o que é colocado como correto sobre suas vivências, que pode gerar ou deteriorar o bem-estar e a qualidade de vida.

A velhice é constituída sobretudo pelo elemento cronológico, contudo, pensar apenas na idade é ter um olhar homogêneo e classificatório, além da idade, essa etapa da vida é constituída pelos aspectos biológicos, psicológicos, culturais e sociais também. Antigamente no Brasil, os mais

velhos eram donos de terra e responsáveis pela família, com a industrialização dos meios de produção, as pessoas idosas começaram a ser marginalizadas, já que não atendiam mais aos padrões impostos.

É preciso que o Estado invista na qualidade dos serviços ofertados, planejando políticas públicas que considerem os riscos e as vulnerabilidades que eles vivenciam. Notando que pela população idosa ser protagonista dessas políticas, é necessário que ouçam quais são suas necessidades e como elas devem ser supridas, pois ao tornar essas pessoas constituintes dos programas oferecidos pelo governo, é possível que se transformem em mais eficazes para seu propósito.

A compreensão dos processos de envelhecimento e da velhice atravessada por situações de vulnerabilidade social contribuem para o desenvolvimento da Psicologia, principalmente no que se refere à Psicologia do Envelhecimento, que tem concentrado suas concepções nas pessoas idosas, na velhice e no processo de envelhecer. O saber psicológico visa oferecer a compreensão do desenvolvimento humano e promover a assistência à essa população. O aprendizado, o aparato teórico e prático do profissional de psicologia, auxilia no conhecimento do impacto psicológico e social do envelhecer, de modo que, o psicólogo é capaz de realizar isso em diversos contextos da vida do sujeito e colaborar devidamente com as dificuldades e com os desafios do processo de envelhecimento, de como se vivencia a velhice e sua relação com a vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS:

ALVES, K. D. S.; TRINDADE, S. C.; DA ROCHA, F. N. Atuação do psicólogo no processo de envelhecimento. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 99-104, 2021.

AYRES, J. R. D. C. M. et al. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa *et al.* **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo, Hucitec, 2006. p.375-417.

BARBOSA, K. T. F.; OLIVEIRA, F. M. R. L. D.; FERNANDES, M. D. G. M. Vulnerabilidade da pessoa idosa: análise conceitual. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, p. 337- 344, 2019. (Suppl. 2)

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

COSTA, J. S. et al. Notas críticas: risco e vulnerabilidade social no processo de envelhecimento e velhice. **SER Social**, Brasília, v. 21, n. 45, p. 390-412, 2019.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de ciências humanas**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 26 set. 2023.

FERNANDES, M. T. D. OL.; SOARES, S. M. O desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao idoso no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 1494–1502, 2012.

FERREIRA, D. N.; FROTA, A. P. D.; SANTOS, F. V. D.. A vulnerabilidade do idoso: o papel do estado e da sociedade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. São Paulo, v. 10, p. 72- 81. 2021.

GOMES, C. S. **Envelhecimento e velhice: o lugar do idoso como sujeito político no Brasil capitalista**. 2022. 54f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.

JARDIM, V. C. F. D. S.; MEDEIROS, B. F. D.; BRITO, A. M. D. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 25–34, 2006.

JESUS, I. T. M. D. *et al.* Fragilidade de idosos em vulnerabilidade social. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 614–620. 2017.

MARTINS, E. Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 215-236, 2013.

NERI, A. L.; VIEIRA, L. A. M. Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 419–432. 2013.

PINTO, J. M.; NERI, A. L.. Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 259-272, 2017.

RABELO, D. F.; SILVA, J. D. Vulnerabilidades em idosos: saúde, suporte social, chefia e sustento familiar. **Saúde e Pesquisa**. Maringá, v. 14, (Supl.1): e-7823, 2021.

REIS, C. W. D. **A atividade principal e a velhice: contribuições da psicologia histórico-cultural**. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

REIS, C. W. D.; FACCI, M. G. D. A Velhice sob o enfoque da Psicologia Histórico-Cultural. In: MARTINS, L. M; ABRANTES, A. A.. FACCI, M. G (org). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 293-318.

RINCO, M.; LOPES, A.; DOMINGUES, M. Envelhecimento e Vulnerabilidade social: discussão conceitual à luz das políticas públicas e suporte social. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 79-95, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17288/12828>>. Acesso em: 15 de set. de 2023.

RODRIGUES, N. O.; NERI, A. L. Vulnerabilidade social, individual e programática em idosos da comunidade: dados do estudo FIBRA, Campinas, SP, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 8, p. 2129-2139, 2012.

SALMAZO-SILVA, H. *et al.* Vulnerabilidade na velhice: definição e intervenções no campo da Gerontologia. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 15, p. 97-116, 2012.

SANTOS, C. O Fortalecimento da Autonomia no Processo de Envelhecimento: protagonismo da pessoa idosa. Jornada de Políticas Públicas, In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, VII, São Luís, UFMA, **Anais... JOINPP 2015**. Disponível em:

<<https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-fortalecimento-da-autonomia-no-processo-de-envelhecimento-protagonismo-da-pessoa-idosa.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2023.

SILVA, A. M. D.; LIMA, P. M. R. D.; SOUSA, M. G. L. D. Corpo e envelhecimento: A vivência do papel social do homem idoso com doença cardiovascular crônica. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 64-78, 2021.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, p. 585-593, 2008.

SOARES, P. D. O. **Qualidade de vida e vulnerabilidade social na percepção do idoso**. 2011. 40f. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual de São Paulo, Botucatu, 2011.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 179-188, 2010.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. In: **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.